

## O que pode uma escola através da arte

Anna Thereza do Valle Bezerra de Menezes

Antes de iniciar é necessário esclarecer duas coisas:

- este texto foi apresentado na mesa *Trânsitos e experiências: a arte no Colégio de Aplicação* durante o VII Colóquio Arte em Trânsito na Universidade Federal de Juiz de Fora. Deste modo, assume uma linguagem informal;
- foi apresentado acompanhado de imagens de trabalhos realizados em aulas com estudantes do ensino médio e oitavo ano, e de registros dos projetos de extensão Laboratório Poético (realizado em parceria com Marilane Abreu Santos) e Interseções da Arte (coordenado em parceria com Ana Luiza Marques de Tovar Faro), ambos desenvolvidos no Colégio de Aplicação da UFRJ.

\*\*\*

Rua J. J. Seabra, sem número, no bairro da Lagoa, o terceiro metro quadrado mais caro da cidade do Rio de Janeiro. É ali que se localiza o Colégio de Aplicação da UFRJ (CAp-UFRJ). Leio favela, shopping, igreja, Terceiro Comando Puro, Smart Fit, tiro, moto-taxi, praia, terreiro, Juramento, milícia, vassoureiro, tiro, esgoto, condomínio, Leader, barzinho, Aldeia Maracanã, Borel, Mcdonalds, floresta, hospital, tiro, Itaú, Sesc, Cacique de Ramos, Comando Vermelho, paróquia, carnaval, fogos, ciclovias e “Quem é do Méier não Bobéier”. Estas são algumas palavras que apareceram em um grande mapa realizado com uma turma de ensino médio.

Acredito que para pensar sobre trânsitos, experiências e a arte (seu ensino e prática) é necessário antes, pensar a cidade e os corpos que por ela transitam. Imaginar a sola do pé que carrega o corpo e pisa o solo, é lembrar que o chão é feito, na cidade em que habito, de montanhas e pedreiras desfeitas. Sedimenta, portanto, outras vivências consigo. Esta cidade tem suas paisagens modificadas para a entrada de grandes vias. Em sua história e, atualmente, viu e vê grandes remoções de casas e corpos para a planificação de terrenos que foram e continuarão sendo postos à venda. Neste processo, esta não pode ser, infelizmente, uma cidade onde os corpos que nela habitam, vivam de forma equânime. Como disse uma estudante do ensino médio, há uma constante luta injusta.

Moradores da zona sul, norte e oeste e de municípios vizinhos os/as/ xs estudantes do Colégio de Aplicação atravessam variadas distâncias sem uma correlação direta de

tempo. De trem, metrô, ônibus, mototaxi, a pé, van, carro, bicicleta, devem chegar na escola, de segunda a sexta às 7 horas da manhã ou à uma da tarde. Carregam consigo o sono e o sonho da noite mal ou bem dormida, e as paisagens, quando vistas pela janela real e não via tela do celular.

Na sala de artes visuais é o olho que vê o outro olho e não mais a nuca, como na organização de salas de cadeiras enfileiradas. Estes corpos que se encontram cotidianamente, então se observam e, por vezes, relatam suas trajetórias, experiências e pontos de vistas. Em um momento político polarizado e, diante do conservadorismo distópico e do não diálogo, é cada vez mais desafiador e relevante entender a prática artística e o ensino da arte como potências políticas, constituindo-se como espaços de encontro e representatividade de diferentes vozes.

Em uma sociedade do cansaço (HAN, 2017) pautada na positividade, o processo é posto de lado e o que se enaltece é o produto, o produtivismo, ou o empreendedorismo tão em voga. A arte, sobretudo aquela que reúne, como pontuou Basbaum na abertura do Colóquio, a sensação e o conceito, é muitas vezes da ordem da interação, da relação e do processo, mais do que do produto. Tem a ver com uma proposição dialógica. Aliás, a arte normalmente exige pelo menos dois sujeitos em relação, mediada ou não por objetos.

Se há sempre, em algum nível, a mediação – da obra por sua institucionalização e inserção nos tais “mundos da arte” tão bem explicados por Howard Becker (2010) – talvez, possa aqui propor que o ensino da arte, longe de apresentar unicamente técnicas ou versar sobre a história da tal arte – que sabemos hegemônica e excludente –, pode ser esse espaço de dar a ver, de provocar questionamentos e reflexões sobre as mediações cotidianas. Evidenciar os porquês, enfim, das visualidades, materialidades e narrativas existentes na cidade e resultantes de relações assimétricas. Se para Rancière, “o sonho de uma obra política adequada é precisamente o de perturbar a relação entre o visível, o dizível e o pensável, sem ter de fazer passar nenhuma mensagem” (RANCIÈRE, 2010, p. 78) talvez o sonho de uma proposta de ensino de arte político (lembrando de Paulo Freire), no contexto atual, seja semelhante: ao perturbar sem fazer passar nenhuma mensagem precisa, possibilita ao estudante buscar seu próprio caminho para lidar com essas perturbações. Seu próprio caminho para lidar com as camadas cotidianas que vão sendo desveladas, vão se tornando visíveis de outras formas, ditas por outras palavras e vozes, e pensadas por outras epistemologias.

Temos, então, um olhar para o sujeito e sua autoria diante do mundo. A arte é, primordialmente, o lugar da autoria. Os sujeitos são, assim, autores da sua própria

trajetória no seu processo de construção do conhecimento. E a arte, no contexto escolar, quando não é a formação de artista que está em pauta, está voltada para a formação de indivíduos autônomos, críticos, sensíveis, atentos e solidários.

Penso e levo para as aulas, constantemente, o termo utopia. Acredito que é um termo bonito de ser percorrido de modo prático-reflexivo. Para tanto, é necessária a imaginação de novos e possíveis mundos. Seria essa, talvez, para mim a principal relação entre trânsito, experiência, arte e seu ensino. Penso na arte como uma metodologia pedagógica, sobretudo a partir da percepção da/dos/dxs artistas como propositores. É a/o/x professor/a/x também propositor/a/x? Tania Bruguera, com seu trabalho *Cátedra Arte de Conduta* me ajuda a afirmar que sim, sou!

No contexto escolar, de forma direta, propomos relações mais horizontais; outros espaços de/ para educação; outros materiais possíveis; outras formas de registro; outras possibilidades de narrar-se; de inventar-se; de protagonizar-se; outras formas de pensar, criar e fazer juntos; outras formas de reflexão e auto-avaliação – entendendo esta última como parte do processo de ensino-aprendizagem e não como medidora e pontuação de coisa alguma.

E, se o artista que lida com os museus e galerias, já buscou uma relação mais imediata com o público, se colocando na rua, nas páginas dos jornais, nas garrafas de coca-cola, nos muros da cidade, entendo também que para o/a/x professor/a/x a escola deve estar na cidade, tal como a esquina, a rua, a praia, o morro desfeito, o bar, o museu, a árvore. A sala de aula é apenas mais um espaço que, tal como os outros tantos locais da cidade, possui suas potencialidades pedagógicas específicas.

Fiquei me perguntando sobre o que pode o artista na escola (título de uma das exposições realizadas no âmbito do evento *Arte em trânsito: deslocamentos poéticos*) mas também sobre **o que pode a escola na arte. Sobre o que pode a escola na cidade, a escola no mundo**, enfim. Acho que muitas vezes observamos, ou nos referimos à escola de forma passiva, sobretudo quando assumimos essa terrível divisão em cujos termos pesam: educação básica de um lado e ensino superior, lá, acima de nós, de outro. O próprio nome, Aplicação, tem sido por mim – e por tantas outras pessoas – revisto.

E os Colégios de Aplicação têm essa bela função social de, apesar de todos os cortes, todas as propostas de desescolarização, de desmobilização da universidade pública, de precarização do Ser-docente, fortalecer e acreditar nessa profissão. Apontar caminhos possíveis.

Sendo, como sabemos, muitas vezes escolas modelos no que concerne à valorização do docente como pesquisador com **autonomia** na realização de seu planejamento, com, salvo engano, os melhores salários dentre as redes públicas de educação básica, temos alguma responsabilidade na ampliação desta valorização. Sendo participante de uma equipe de 10, eu falei 10 professoras e professor de artes visuais, entendo que participo de uma escola que tem um olhar – construído através de muita disputa – de valorização da arte.

\*\*\*

Em uma cena bastante conhecida e recente, foi uma imagem a desencadeadora de discursos homofóbicos oficiais. O prefeito da cidade do Rio de Janeiro tentou censurar a venda de um livro de história em quadrinhos. Ali estava posto o poder da imagem de perturbar e a importância cada vez maior de seu estudo, apropriação e compreensão em um contexto político-social. Seus agentes e agenciados.

Os projetos de extensão que citei ao iniciar minha fala, foram e têm sido pontes de contato direto entre a escola e a ampla comunidade. No SAARA – espaço central da cidade do Rio de Janeiro – ao colarmos, durante o projeto de extensão Laboratório Poético, uma imagem da praça Tiradentes, pessoas se juntavam ao redor da fotografia ainda com o morro de Santo Antônio visível, com as grades na praça e com a mesma escultura que ainda persiste central e que coloca o europeu, homem, branco do alto do seu cavalo sobre os indígenas, representando rios. As pessoas relatavam suas experiências naquele mesmo local, ao longo de muitos ou poucos anos. Suas vivências, tantas vezes silenciadas, não valorizadas (por elas mesmas e por outras) e tidas como desimportantes, relembavam que há vida no espaço e no corpo. E, naquele simples ato de reunir pessoas, tornávamos evidente aquilo que somos cotidianamente. Tal como a cidade que nos forma e é formada por nós, somos agentes e agenciados em nosso trânsito e experiências diárias.

É isso, por fim, o que creio que fazemos a partir da arte como metodologia na escola: damos a ver e perceber formas de agências e, sobretudo, buscamos potencializar e valorizar aquelas formas de agência que produzem a autonomia do pensar e de ser.

\*\*\*

Referências:

- BECKER, Howard S.. *Mundos da Arte*. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.  
HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017  
RANCIÈRE, Jacques. *Estética e política: a partilha do sensível*. Porto: Dafne, 2010